

PHILIP GUNN

RICARDO TOLEDO SILVA

A comunidade de pesquisa em planejamento urbano e regional perdeu, em 17 de outubro de 2005, um de seus mais ativos e fascinantes membros. É impossível separar, na trajetória de Philip Gunn, o intelectual, o militante e o ser humano. Ele nunca procurou saídas fáceis para nenhum dos muitos desafios que a vida lhe impôs em cada um desses planos. Socialista, irlandês e católico (não importa a ordem), brasileiro por opção, sempre manteve uma postura intelectual e pessoal coerente com esses atributos, até onde a profundidade do ser humano pode alcançar.

Nascido na Irlanda do Norte em 1947, formou-se em arquitetura em 1969 pela Queen's University Belfast. Ainda no Reino Unido, Philip realizou dois mestrados – um na área de Arquitetura, pela mesma Queen's University onde se havia graduado, outro em Planejamento Urbano e Regional, pela Universidade de Edimburgo na Escócia. Foi em Edimburgo que conheceu Toshi, arquiteta brasileira com quem se casou e veio morar no Brasil a partir de 1974. Era o início de sua vida neste país que ele amou e adotou como seu, cuja realidade em suas múltiplas facetas conheceu como poucos. Começou trabalhando na Emplasa, quando a temática do planejamento metropolitano era efervescente, por força da recém-baixada legislação federal que criava as nove regiões metropolitanas brasileiras da época. Logo captou a complexidade e heterogeneidade da problemática urbana e regional em nosso país e, de forma pioneira, levantava questões complexas na interação entre a cidade e o meio ambiente, antecipando-se ao que viria a constituir um dos eixos centrais do debate nos anos seguintes. Em 1976, passava a integrar o corpo docente da FAU, como professor do Departamento de Tecnologia da Arquitetura.

Sueli Schiffer, colega de Departamento que acompanhou de perto os trabalhos de Philip Gunn desde seu ingresso na instituição, relata como foram aqueles primeiros anos:

tendo participado de planos regionais em órgãos de planejamento paulista em meados da década de 1970, quando a formulação de planos prospectivos encontrava-se no auge, trouxe sua experiência para a graduação da FAU ... criando já em 1976, ano de sua contratação como docente, disciplinas optativas relacionadas às técnicas e metodologias aplicadas ao planejamento regional. Passada mais de uma década, introduziu a temática ambiental nos conteúdos didáticos, consolidando trabalhos e pesquisas pioneiros a que havia então se dedicado como pesquisador. Fervoroso adepto da interdisciplinaridade, atuou por anos como co-responsável no curso da pós-graduação em disciplinas de outros departamentos da FAU...

Sobre esse último atributo lembrado por Sueli, dou meu depoimento como parceiro de Philip Gunn por quatorze anos na disciplina “O estado capitalista e a questão urbana”, que assumimos como co-responsáveis, sob coordenação de Celso Lamparelli, no Programa de Pós-Graduação da FAU. Não mantínhamos nem programa nem estrutura de conteúdos por mais que um semestre. A disciplina mudava a cada vez, e, não raro, a atualidade de questões vivas da política urbana, sobre as quais os docentes jamais buscavam consenso prévio, dava origem a debates profundos com os alunos. Era no debate dessas questões atuais de política regional e urbana que emergia a riqueza da experiência de Philip Gunn como pesquisador obstinado das cidades e regiões do Brasil, segundo um espec-

tro analítico que variava da Antropologia à tecnologia ambiental, passando pela História, pela Filosofia, pelas Ciências Naturais ou pela Ciência Política, quando não pela Medicina ou a Teologia. Ele tinha uma acuidade invejável em reconstituir e analisar uma realidade complexa a partir de uns poucos elementos dispersos, tratados com extremos cuidado e rigor. Esses elementos podiam ser extraídos de evidências da arquitetura vernacular, da organização social, da história de vida de pessoas e famílias, dos relatos de viajantes, dos planos de saúde, das leis, de tudo, enfim, que pudesse fornecer pistas sobre o objeto estudado. Uma pequena amostra de títulos entre seus muitos trabalhos publicados, sozinho ou em co-autoria, dá uma idéia da amplitude de suas abordagens:

- Notas sobre a tecnologia de cartografia – algumas implicações para o urbanismo das cidades coloniais no Brasil.
- O paradigma da cidade-jardim na via Fabiana de reforma urbana.
- Indústria e meio ambiente: fatos e discursos recentes nos setores de petróleo e petroquímica.
- The spatial and temporal constraints on development: a Brazilian viewpoint.
- Liberalismo estatal e a persistência de diferenciação espacial do território brasileiro: o caso da Bahia.
- Frank Lloyd Wright and the passage to Fordism.
- Mexendo com a terra: o impacto social do complexo Pedra do Cavalo, Bahia.
- Democracia representativa e suas bases: a propósito da resenha de Antonio Negri sobre a obra de Norberto Bobbio.
- As dimensões urbanas e rurais da crise energética.
- O habitat operário no nordeste industrial: os núcleos fabris de Paulista e Rio Tinto.
- O urbanismo: a medicina e a biologia nas palavras e imagens da cidade.
- A mídia na guerra dos lugares: a experiência tucana no Ceará.
- A indústria automobilística nos anos recentes: as “inflexibilidades” da globalização.
- Projeto e planejamento: o peso do positivismo na América Latina.
- A localização de assentamentos fabris com moradias construídos por empresas produtivas no Nordeste do Brasil.
- Urbanização na província de São Paulo. A cidade dos juristas e as contribuições de uma corporação para a urbanização do território paulista no século XIX.
- Labour divisions and innovation in local social development. The changing structure of State and market regulation in Brazil.
- Moradia operária em Pernambuco: a construção e o desmonte.
- A ascensão dos engenheiros e seus diálogos e confrontos com os médicos no urbanismo sanitário em São Paulo.

O elo que torna coerente a trajetória do pesquisador que se dedicou com afinco a assuntos aparentemente tão díspares era sua capacidade ímpar de investigação e conexão lógica. Este é o amálgama intelectual que dava sentido à sua curiosidade pesquisadora de tempo integral sobre temas como o desenvolvimento e a regulação das petroquímicas, a formação das vilas de mineração na Amazônia, o desenho regional determinado pelas formas de aproveitamento do Rio São Francisco, a arquitetura fabril de início do século XX no Brasil, o modelo regulador da energia elétrica, o cultivo de flores ornamentais na região Sul, a experiência de modernização industrial no Estado do Ceará. Para isso, ele precisava, como recorda Sueli Shiffer,

enveredar-se pelo sertão nordestino e pelas hidroelétricas mais distantes; embrenhar-se em vilas rurais e locais periféricos; obstinar-se na recomposição histórica das vilas operárias; fotografar tudo, estudar, refletir e divulgar os produtos de seu trabalho com orgulho de um desbravador das peculiaridades nacionais...

Tudo isso ele fazia com grande galhardia, aliando a pesquisa acadêmica a projetos de extensão universitária e consultoria específica, de maneira a fazer frente aos duros encargos pessoais e familiares por que respondia, especialmente após a morte prematura de Toshi, no começo dos anos 80, quando se viu como único responsável pelas filhas Laura e Lisa, ainda pequenas. Essa disposição a superar desafios era uma constante, que se aplicava sem exceção na vida intelectual, na vida pessoal e em sua relação com as pessoas em geral, dentre as quais a que estabeleceu com seus pares e orientados, no meio em que se legitimou como liderança inconteste.

Sua capacidade de absorver o processo de pensamento do outro e trabalhar sobre ele era incansável. Csaba Deák, que trabalhou com Philip desde os tempos da Emplasa logo de sua chegada ao Brasil e que se manteve um de seus principais interlocutores na FAU por todos os anos que se seguiram, relata:

fui à Inglaterra para fazer doutorado sobre o preço do solo urbano, e após um ano e meio de trabalho me dei conta que a teoria econômica que o explicaria, a teoria da renda, não ficava de pé ante a crítica e muito menos explicava o preço do solo. Era uma descoberta, mas me deixou na contingência de ter de retomar a pesquisa praticamente da estaca zero e do isolamento no país estrangeiro, escrevi uma carta de seis páginas a Phil dando conta da situação. Em duas semanas – o tempo de uma carta ir e a outra voltar – recebi dele uma resposta de 22 páginas manuscritas com a letra pequena, quase deitada mas perfeitamente legível, repleta de comentários, referências, autores, polêmicas e idéias em potencial. Para além da sensação de confiabilidade transmitida pela prontidão de sua resposta, havia o teor informativo que valia bem uns seis meses de pesquisa numa boa biblioteca ... Alguns anos depois foi minha vez de comentar as penúltimas versões da tese de doutorado dele e tive de enfrentar a riqueza de suas abordagens que iam do conceito de espaço-tempo à formação do território paulista, transitando por autores de Kant a Marx e Althusser, e de Mário de Andrade a Simonsen e Chico de Oliveira.

Posso relatar experiência semelhante, de quando eu trabalhava em meu doutorado, sobre privatização e regulação pública de componentes da política urbana no Brasil. Philip me abriu os olhos para a necessidade de aprofundar a base teórica, mostrando a importância da reflexão sobre os referenciais teóricos marxistas mesmo no contexto de uma abordagem predominantemente tecnológica. Ajudou-me a enxergar a influência das raízes nacionais e religiosas dos autores, embora sutis, nas construções lógicas de obras da literatura técnica e acadêmica aparentemente livres daquelas raízes. Mais tarde, quando eu prestava concurso de professor livre-docente, ele me cobraria a volta às minhas origens de arquiteto, para uma postura propositiva mais clara que ele chamava “neomodernista” e que estaria então mascarada pelo excesso de reflexões teóricas. Era o parceiro de disciplina e de inúmeros projetos que sugeria uma mudança de rumo como que dizendo “agora você foi longe demais, sua ‘praia’ não é essa”.

Sua produção intelectual incansável, aliada a uma capacidade única de interlocução com seus pares, rendeu a Philip Gunn o reconhecimento inconteste da comunidade cien-

tífica da área, em todo o país. Em diferentes momentos, ele exerceu funções de assessoramento e coordenação no âmbito de entidades e colegiados nacionais, como na ANPUR, onde foi secretário executivo de 1989 a 1991 durante a presidência de Celso Lamparelli, na revista *Espaço e Debates*, onde foi membro do comitê editorial e em comissões da Capes, apenas para citar alguns, sempre legitimado pela maioria esmagadora dos integrantes da comunidade.

Nesse processo, o relacionamento com seus orientados constitui um capítulo à parte. O espectro de temas abrangidos, como era de esperar, reflete a riqueza do orientador, que conseguia apoiar seus orientandos com igual excelência em temas variados como o urbanismo sanitário de Saturnino de Brito, interpretações do processo imobiliário em São Paulo, ou dimensões simbólicas na arquitetura e tradição clássicas. Para uma idéia de como eles o viam, nada melhor que a leitura de um trecho do depoimento de Mário Henrique D’Agostino, a quem Philip orientou tanto no mestrado como no doutorado:

conosco, seus orientados, compartilhou longas e densas tardes de estudo; um entusiástico pelas “conquistas” e não menos fervoroso com as “críticas”. Professor do Departamento de Tecnologia, pesquisador implacável dos mecanismos político-econômicos de gestão do território, de seus agentes sociais e das modalidades diferenciadas de acumulação/reprodução do capital, em meados dos anos 80 passou a orientar mestrados sobre história do urbanismo, sobre as idéias (e ideais) veiculadas pelos arquitetos-urbanistas em seus projetos urbanos. Foi nessa ocasião que o conheci, e tenho vivas as inflamadas discussões em sua casa: sobre o jovem Marx (com Cibele Risek, realmente inesquecível!), Thompson, Braudel, Le Goff e a *École des Annales*, dentre outros autores. Em diálogo franco com críticos – marxistas ou não – do estruturalismo marxista, seus olhos divisavam um alargamento e reavaliação do campo cultural, imprescindível ao estudo das tramas sociais e suas formas diferenciadas de poder. Tal interesse permeou boa parte de seus trabalhos historiográficos, e, convém frisar, seu humanismo “sem fronteiras” – a se estender da Broadacre City de Frank Lloyd Wright ao Bello Monte de Antônio Conselheiro, dos sistemas de CAD/CAM às imagens renascentistas da cidade como corpo (e às vezes, ainda, nos surpreendia com belíssimas fotografias, seu hobby ou ocupação complementar). O bom historiador, dizia Marc Block, é como o Ogro: “ali onde fareja carne humana, sabe que está a sua presa”. No caso de Philip Gunn, as inspeções perseguiam formas espaciais de dominação e controle, mormente as que davam sustentabilidade ao capitalismo. Seu apetite era de fato insaciável: missões jesuíticas, arquitetura militar e controle do território no Brasil Colonial, dispositivos panópticos, eugenismo, company towns... A fartura dos temas, no entanto, não denotava um “ensaísta” voraz; antes, um investigador de “ortodoxia” rara entre nós ... Finalizo este retrato pessoal avivando duas imagens que são para mim reveladoras do caráter e grandeza de espírito do Phil: a sua “irreverência acadêmica” – uma irreverência de scholar, um baluarte em defesa do livre pensamento –, e claro, a sua total familiaridade com nossa gente.

De seu casamento com Telma de Barros Correia, há pouco mais de seis anos nasceu Liam, o filho homem a quem escolheram dar um nome tradicional irlandês. Sua alegria de “pai tardio” era contagiante, era um reviver de como anos antes, bem mais jovem, ele nos contava de suas peripécias paternas com Laura e Lisa. Não havia como sermos indiferentes à sua alegria de viver, renovada pela presença do filho que ele trazia para nos visitar ainda no cesto. De alguns anos para cá, sua saúde debilitou-se, mas ele não se deixou render, lutou como pôde para superar os problemas que se agravavam.

Algumas semanas antes de morrer, produziu um texto de apoio à sua palestra sobre a industrialização e a história de vida de três personalidades da Engenharia nacional que foram homenageadas em sessão solene do Conselho Universitário da USP: Alberto Pereira de Castro, Antonio Ermírio de Morais e Olavo Setúbal. Indicado pelo Centro Interunidades de História da Ciência da USP para essa tarefa, o arquiteto de fina sensibilidade histórica reconstruiu a trajetória desses três engenheiros à luz de uma leitura precisa sobre o processo de industrialização brasileiro, destacando o papel das elites empreendedoras no desenvolvimento do país. Esse era mais um traço marcante da generosidade e maturidade intelectual do estudioso, que como poucos soube captar a complexidade de nossa história e de nossas relações sociais, ao não deixar-se levar – não obstante sua conhecida inclinação socialista – pelo maniqueísmo simplista dos que as reduzem a mera dualidade.

Pouco antes de se submeter à cirurgia que infelizmente não conseguiu salvá-lo, conversou com alguns de nós da FAU, preocupado com as conseqüências de eventual afastamento prolongado sobre seus alunos e orientados. Ele mantinha confiança em sua capacidade de superar mais esse problema, como em outras ocasiões nas quais testemunhamos sua tenacidade. Mas, por via das dúvidas, deixou instruções com Lisa sobre sua vontade final de, se fosse o caso, ser velado em nossa casa da Vila Penteadado, a “Fau Maranhão”, onde funciona a pós-graduação e onde ele passou grande parte de sua vida. Sua escolha nos honrou e nos permitiu, em que pese a dor, erguermos um brinde final ao amigo que partia, em um gesto da tradição irlandesa que ele certamente aprovaria.

Ricardo Toledo Silva é professor da Faculdade de Arquitetura da Universidade de São Paulo (FAU/USP).
E-mail: ritsilva@usp.br

São Paulo, novembro de 2005.